



Comissão Nacional dos Presbíteros

**A IDENTIDADE E A ESPIRITUALIDADE
DO PRESBÍTERO NO PROCESSO DE
MUDANÇA DE ÉPOCA**

J. B. Libanio

Encontro Nacional dos Presbíteros





VAI TER CDU?

1ª Edição 2011

Coordenação: Comissão Episcopal Pastoral para os Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada

Projeto Gráfico, Capa e Diagramação: Sara Nunes Silva Brito

Revisão: ?

Impressão e Acabamento: ?

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita do autor – CNBB.





SUMÁRIO

I. SITUAÇÃO DA PROBLEMÁTICA	5
II. CONCEITUAÇÃO DE IDENTIDADE.....	7
Consideração geral.....	7
Categoria da essência.....	7
O caminho da relação	9
Leitura institucional.....	10
Leitura pastoral	11
Leitura existencial	12
Volta às fontes.....	13
III. CONCEITO DE ESPIRITUALIDADE	14
Caminho tradicional	14
Espiritualidade na pós-modernidade	14
Espiritualidade tradicional do presbítero piedoso, observante e fiel.....	15
Espiritualidade específica	16
Espiritualidade encarnatória com acento no seguimento de Jesus histórico	16
Espiritualidade dos novos movimentos de leigos.	17
Espiritualidade do presbítero diocesano.....	17
Espiritualidade da Nova Era	18
IV. ANÁLISE CRÍTICA.....	19
Riscos de perda de identidade	19
Riscos que afetam a espiritualidade.....	22
V. PERSPECTIVAS PASTORAIS:	24
1. Sob o prisma profético	24
Papel profético diante da tirania do prazer	25
Papel profético diante da alienação social e política	27





Papel profético no diálogo fé e cultura	29
Papel profético em face do fenômeno religioso	30
Papel profético em face da globalização	31
2. Sob o prisma da santificação	32
Desafio diante do atual fenômeno religioso	32
Desafio da identidade religiosa pós-moderna	34
Impacto sobre a experiência presbiteral	34
Centralidade dos sacramentos e especialmente da Eucaristia	35
Ecologia e espiritualidade	37
3. Sob o aspecto pastoral	38
Individualismo desafia o ministério presbiteral	38
Ser presbítero em face do pluralismo cultural	40
Tensão entre vocação e profissão	41
Pastoral da comunhão.....	44
CONCLUSÃO	45





I. SITUAÇÃO DA PROBLEMÁTICA

Dois fatos impõem-se-nos. Sem identidade pessoal, familiar, social, cultural, presbiteral, vivemos dilacerados. Sofremos a dor de rupturas profundas. Caminhamos curvados pelas divisões internas. Quando paramos um instante sequer, roi-nos a dúvida da inautenticidade do existir por não sabermos quem realmente somos.

E, por sua vez, a pós-modernidade tritura as totalidades. Fragmenta-as. Avança rasgando as identidades. Pulveriza a cultura. Gira em torno de nós qual maravilhoso caleidoscópio com imagens fascinantes, só que feitas de caquinhos de vidros baratos. Seduz na sua falsidade ilusória. Sociedade das aparências. Corpos sarados, espíritos parvos. Desafia-nos, pois, manter sadia identidade em meio à pulverização pós-moderna.

As religiões também sofrem o impacto da exterioridade da pós-modernidade. Em muitas de suas apresentações, carregam as tintas na figura destacada de seus representantes. A própria Igreja católica não se isenta dessa tendência.

Quadro semelhante acontece com a espiritualidade. Também ela grita por clareza, profundidade. Ao longo da história da Igreja, desde os anacoretas até os grandes fundadores de Vida Religiosa, surgiram homens e mulheres de experiências espirituais a tocarem a raiz última do Evangelho. Elaboraram, viveram espiritualidades consistentes: monacal, beneditina, franciscana, dominicana, jesuíta, de Foucauld, carmelita e inúmeras outras. O clero diocesano inspirou-se, a seu modo, nesses traços originais, na figura de homens, como Cura d' Ars, Carlos Borromeu, A. Chevrier e tantos outros. O Concílio Tridentino, ao tocar as espiritualidades, formatou-as, de modo disciplinar, para bem de muitas pessoas, tornando-as acessíveis a elas. No entanto, triturou-as em gigantesco liquidificador canônico, misturando os sabores e diminuindo as distinções e originalidade.

Vem a pós-modernidade com maior violência ainda e dilui-as em gigantesca nebulosa mística. A palavra espiritualidade perdeu a gravidade e intensidade de uma Santa Teresa ou S. João da Cruz, para cair na boca da mídia de maneira fútil e banal. "Os times de futebol têm sua





mística”, para simplesmente refletir o apelo de vitória e de bons salários a mobilizar as chuteiras em busca de gol.

O tema da presente reflexão se situa nesse clima pós-moderno em que identidade e espiritualidade perderam consistência. Daí emerge a questão: quais são a identidade e a espiritualidade do presbítero?

Como afirma Edgar Morin: “De tanto sacrificar o essencial em favor do urgente, acabamos por esquecer a urgência do essencial” (1). Por outro lado, esse mesmo clima nos permite, hoje, um questionamento mais a fundo. Na perda de sentido e de consistência nos deparamos com a necessidade de dar razão de nossa esperança, de dizer quem somos e porque aqui estamos. Em outras palavras, pelo fato de as coisas já não estarem tão certinhas, sentimos o desafio da busca de novos caminhos. Quando a identidade e a espiritualidade tinham consistência, talvez, muitos nem se dessem ao trabalho de vivê-las intensamente. Portanto, nada de ficarmos lamentando o que se perdeu, pois a perda nos desafia, nos impulsiona a criar novos caminhos.

¹. Le Figaro, le 13-14 septembre 2003.





II. CONCEITUAÇÃO DE IDENTIDADE

Consideração geral

Que constroi uma identidade? Se olharmos para uma realidade, percebemos que ela tem elementos constantes, permanentes que lhe dão determinada configuração. Se os substituimos, ela deixa de ser ela mesma. Assim, se um diamante perdesse a beleza, a resistência, a possibilidade de ser lapidado como pedra preciosa, já não seria diamante. Se vale das coisas materiais, também o entendemos das realidades humanas, pessoais, sociais, culturais. Como chamar de brasileiro alguém que já não falasse português, que não se sentisse vinculado ao rincão nativo, à cultura e aos valores do nosso povo?

Categoria da essência

Frequentemente usamos a palavra essência para definir o que permanece na identidade. Essa categoria facilita enormemente a solução do problema. Assim a identidade do presbítero se definiria pela sua essência. E no caso da Igreja, o ensinamento oficial do magistério, seja de Concílios, seja de pontífices e eventualmente subsidiado pela teologia, definiria, uma vez para sempre, que coisa fosse o ministério presbiteral. Bastaria compulsar os documentos, colher deles a doutrina e propô-la como a identidade. Tal via já não parece viável. Daí a enorme preocupação pela identidade de tantas realidades.

O fato decisivo que tornou inexequível a busca da identidade presbiteral na elaboração de sua essência vem da revolução hermenêutica, dos estudos históricos e da valorização da práxis. Todo conhecimento supõe interpretação. A tradição mantida na sua rigidez trai a ela, assim argumentou Paulo VI contra o ortodoxismo de Mons. Lefebvre ⁽²⁾. A verdade da hermenêutica impôs-se por dois lados. A história mostrou-nos como as verdades evoluíram ao longo dos séculos. Afirmações peremptórias de ontem se tornaram erros infantis hoje. Quem tem coragem de afirmar que o processo criativo da Terra e do ser humano durou seis dias diante dos dados científicos que falam de 13,7 bilhões de anos? Tais constatações não valem somente de fatos empíricos, mas

². Paulo VI escrevendo a Mgr. Lefebvre diz que nada é tão distante da tradição que o simples apego a um passado desaparecido. Ela é todo o contrário de uma reação que desconfia de todo progresso. Ao que comenta Y. Congar que a única maneira de dizer a mesma coisa num contexto que mudou é dizê-lo de modo diferente: Y. Congar, *La Tradition et la Vie de l'Église*, Paris 1984, p. 6.





de verdades julgadas metafísicas, eternas, mas cuja interpretação hoje nos distancia dos antigos. Quem consegue entender como o fogo do inferno queima almas?

Além do dado da história que corroeu tantos e tantos ensinamentos tidos como indiscutíveis, o sujeito, que conhece, se percebe como quem interpreta a realidade a partir de sua cultura, do momento histórico, da raça, da religião e de tantos outros fatos a modo de uma pré-compreensão. Sem chegar ao extremo do relativismo, toda verdade contém certa dimensão relativa ao sujeito e ao tempo em que se conhece.

Em face do fato de que o modo humano de conhecer é interpretar, a preocupação com a determinação de uma essência da verdade e da identidade do ministério presbiteral padece de ambiguidade ⁽³⁾. Há a percepção de que o mundo da essência se dissolve e com isso o poder da autoridade perde força. Daí brotam reações antagônicas. A Instituição detentora da definição das essências reage, relançando o problema da identidade para defini-lo em moldes institucionais e fixos. Com isso, evitam-se e impedem-se as inseguranças, as crises e possíveis outras propostas. As Instituições temem o pluralismo, as discussões sobre temas e realidades que julgam inquestionáveis, imutáveis. E na Igreja católica a identidade do ministério presbiteral parecia ser uma dessas realidades intocáveis. Este é um lado da ambiguidade.

Não raro a manutenção da identidade por parte da instituição não passa de ilusão. Ela mantém o termo pensando que se está dizendo a mesma coisa em todas as partes e, na verdade, a realidade está sendo interpretada de modos diferentes. Em termos teóricos, cai-se na pobreza filosófica do nominalismo, ao identificar a realidade com determinada palavra. O significante permanece o mesmo, mas dentro jogam muitos

³. No artigo dou preferência ao termo presbítero e ao adjetivo presbiteral a sacerdote ou sacerdotal para evitar certa ambiguidade semântico-histórica destes termos, ligados ao poder sagrado: ver TABORDA, F.: O ministério eclesial à luz da atuação de Jesus. A propósito do ano sacerdotal, in *Perspectiva Teológica* 42 (2010), n. 116, p. 13-43. Ver também: M. Godoy: Papel do presbítero na Igreja e na Sociedade, ad instar manuscripti, FAJE, Belo Horizonte, 2010. Além do mais, o documento do Concílio Vaticano II *Presbiterorum ordinis*, como indica o próprio título, privilegia o termo presbítero. Esse título significou uma evolução na escolha do termo que constava nos textos anteriores como “sobre os clérigos”, “sobre os sacerdotes” para terminar no atual sobre “o ministério e vida dos presbíteros”. É verdade, porém, que João Paulo II na Exortação Apostólica *Pastores dabo vobis* retoma predominantemente o termo sacerdote, para acentuar a dimensão de sacralidade e santidade do sacerdote no exercício do ministério.





significados e até mesmo conflitantes. E o poder retém o significante, ignorando os significados.

Positivamente, o relançamento da problemática da identidade, em geral, significa a insatisfação com o presente e o desejo de construir futuro melhor e talvez já a percepção de que o significante já oculta diversos significados. E busca-se honestamente explicitá-los. No caso do ministério presbiteral, cabe perguntar-nos, de maneira positiva, porque debatemos o tema de sua identidade. Donde vem a insatisfação subliminar que nos leva ao questionamento? Abre-se, então, frutuoso tempo para debates, reflexões, propostas, reformulações. Eis o lado que nos permite avançar a reflexão.

A maneira de tratar o ministério presbiteral a partir do conceito de essência, definido pela Instituição, não dá conta bem da compreensão da sua identidade no momento atual, tanto pelo lado da rigidez como do da total fluidez. Com efeito, as identidades oscilam entre dois extremos: uma mudança de elementos fundamentais – perde-se a identidade – e uma fixidez rígida – não corresponde à nossa compreensão de realidade. Cabe-nos outra maneira de explicar a identidade, sem apelar para uma essência imutável, abstrata, estática.

O caminho da relação

Recorremos então à ideia de relação. Ela tem a dupla qualidade de mostrar permanência e mudança. Para facilitar a compreensão da nova leitura e antes de pensar diretamente sobre o ministério presbiteral, tomamos como exemplo elucidativo a relação entre pai e filho. Ela tem um aspecto definitivo. Permanece toda a vida, enquanto ambos viverem. Não se transforma em outra relação. Se o pai, p. ex., por falsa compreensão de si se transforma num amigão do filho, conivente com todos os seus defeitos, dizemos que ele perdeu a identidade de pai. Não se trata do simples plano biológico, mas de um conceito amplo de pai. Por sua vez, pai e filho modificam-se ao longo de toda a vida a maneira de conduzir a relação sem perder a condição de filho e pai na sua verdade. A identidade permanece nas mudanças.

A dificuldade da reflexão consiste em entender como as relações se constituem e se mantêm na sua realidade fundamental no meio das transformações históricas. A lucidez pede que os polos da relação se entendam como dois diferentes que se enriquecem mutuamente. Ne-





nhum se deixa subjugar, dominar pelo outro. Se o pai vira filho, acaba a relação. Desaparece a identidade. Se o filho assume o papel de pai, passa o mesmo. Os desequilíbrios doentios se originam precisamente de não se captar o jogo entre uma identidade em face de outra, que lhe surge como diferente. Só se ambas se conservam na própria singularidade, elas se enriquecem mutuamente. A simbiose, a fusão impedem o enriquecimento mútuo. Em vez de identidade, temos a mesmidade. O mesmo de duas identidades as destrói.

Fenômeno semelhante de perda acontece pelo oposto. Dois diferentes se encontram como pedaços isolados, sem relação, caleidoscopicamente. Estar ao lado não significa relacionar. A pós-modernidade está a provocar outro problema grave. A ilusão da relação impede que os dois pólos se questionem mutuamente. A identidade só se clarifica no encontro com outra identidade que, no caso, se transforma em alteridade, em diferença. O filho se forja como pessoa humana na relação permanente com o diferente dos pais. Se vivessem numa simbiose ou numa vida paralela não se estruturariam como pessoa humana equilibrada. Avancemos na reflexão. Por que coisa tão simples e evidente se torna difícil e na pós-modernidade ainda mais problemática?

Levanta-se então o problema: em função de que relação entender o ministério presbiteral? Aqui entram elementos teológicos, sociológicos, institucionais. E conforme se valorizam mais um ou outro, a figura presbiteral modifica-se. Por razões didáticas e também de espaço, trataremos de três leituras diferenciadas. Elas se distinguem, mas não se opõem. Trata-se antes de acentuação, com conseqüências naturalmente.

Toda tipologia tem limites. Assim essas três leituras não definem apodicticamente uma posição, mas ajudam a perceber os acentos e as tensões que se sofrem na prática presbiteral. Nem sempre nos damos conta de fatores que atuam nessa insatisfação. A análise exposta intenta oferecer elementos para explicitar certos desajustes na compreensão do ministério presbiteral.

Leitura institucional

Entende-se o ministério presbiteral como ofício instituído e outorgado pela Igreja nos moldes que ela mesma define. A relação com a prática de Jesus se faz pela mediação histórica da Igreja que ao





longo dos séculos forjou a maneira de exercer-se tal ministério. E, no caso do Ocidente romano, ele se vinculou ao celibato. Naturalmente tal vinculação não reduz o celibato a simples aspecto institucional. Reconhece-se nele, como a Igreja enquanto um todo, obra da graça e do Espírito Santo manifestada na entrega pessoal, radical e definitiva. Aspectos que o Concílio e João Paulo II reafirmam ⁽⁴⁾. Passa, no entanto, pela mediação canônica.

Em qualquer momento de crise de identidade, o primeiro movimento e recurso se faz a tal fonte consignada, de modo especial, no Direito Canônico e no Sacramentário. Estes ecoam dentro de certa interpretação jurídica dos ensinamentos conciliares e mais recentemente dos do Concílio Vaticano II em que alguns temas referentes à vida presbiteral não foram discutidos e simplesmente postergados.

Tal interpretação, por natureza, é conservadora, tradicional, sem conotação negativa e sim simplesmente analítica. A Instituição reage em vista de manter-se. Como se diz sabiamente na sociologia: “A instituição existe para durar”. Ou na linha weberiana, o carisma institucionaliza-se e rotiniza-se para continuar, do contrário dilui-se. Não vai nenhuma ofensa à Instituição dizer que ela pretende manter o estabelecido. Além do mais, ela tem menos sensibilidade para as mudanças de ou da época. E as de natureza religiosa vigem entre as mais conservadoras e resistentes, para bem e para mal. Para bem, porque defendem valores fundamentais. Para mal, porque se distanciam das pessoas para as quais existem.

Leitura pastoral

Essa leitura inverte o polo principal. Em termos tomistas, acentua a causa final em vez da eficiente. A Instituição insiste na causa eficiente, enquanto a pastoral privilegia a causa final. De maneira concreta, em lugar de perguntar-se por quem confere o ministério, interessa saber a quem serve tal ministério. O ministério presbiteral, nesse caso, se caracteriza como serviço ao povo de Deus. Ponto acentuado, aliás, pelo Concílio Vaticano II. A dimensão de diaconia atravessa-lhe a compreensão eclesiológica. E ao tratar do presbítero, introduz uma inversão no próprio título de um dos esquemas anteriores, ao fazer o ministério

⁴. Citando o Concílio, João Paulo II escreve: “Entre os conselhos evangélicos – diz o Concílio – “brilha este precioso dom da graça divina, dado pelo Pai a alguns (cf. Mt 19,11; 1Cor 7,7), de se dedicarem unicamente a Deus, mais facilmente e com um coração indiviso (cf. 1Cor 7, 32-34), na virgindade e no celibato” : João Paulo II: *Pastores dabo vobis*, n. 29.





anteceder à vida do presbítero. Destarte, no Decreto *Presbiterorum ordinis* o acento cai na dimensão pastoral, sem naturalmente diminuir a importância da vida pessoal, espiritual e de santidade do presbítero. Trata-se de mudança de sensibilidade.

Ao olhar primeiramente para o povo, a que o presbítero serve, a sua identidade se modifica profundamente. Não se apresenta como alguém dotado de um poder sagrado transmitido e recebido a ser exercido, mas como uma pessoa voltada para a comunidade. Como essa se mostra altamente cambiável, o ministério também entra na mesma dinâmica. Essa leitura traz muitos problemas concretos. A Instituição fixa as leis que se modificam com enorme lentidão. À guisa de exemplo, entre o ano de 1917 – em plena Primeira Guerra Mundial – e 1983, o Direito Canônico da Igreja Católica ficou imutável. Imaginem que mudanças houve nesse longo lapso de tempo sem que as leis eclesiais se modificassem. Naturalmente, aconteceram mudanças interpretativas e medidas intermediárias. No entanto, o corpo jurídico, como tal, permaneceu intocado. Entende-se então a contínua defasagem entre a parte legal que caminha lentamente e a vida que dispara acelerada. Vale, sem dúvida, para a concepção de ministério presbiteral.

Leitura existencial

Cada presbítero carrega em si o próprio histórico existencial. Este se constrói desde a carga hereditária, passando pelos anos fundamentais da primeira infância, até a idade presente. Assim ele se aproxima do ministério presbiteral. Não tem exatamente as mesmas perguntas que a Instituição imagina e para as quais tem respostas prontas. Antes levanta continuamente outras que, não raro, chocam com o modelo presbiteral traçado para ele.

Nesse sentido, a psicologia e a sociologia se debruçam sobre tal temática para entender os conflitos e oferecer subsídios de solução. Essa leitura assume muitas conotações, conforme as diferentes posturas existenciais do clero. Cabe longa reflexão. Apenas aceno para elas à guisa de verbetes: atitude submissa e conformista, rebelde, crítica em busca de nova compreensão, legalista externa sem compromisso interno numa dupla linguagem existencial, pragmática funcional e meramente institucional, espiritual sublimada, profissional competente e eficiente





e outras tantas possíveis ⁽⁵⁾. Num texto de estudo, os presbíteros têm por onde avançar a reflexão e acrescentar outros matizes.

Volta às fontes

Talvez valha aqui a comparação com a crise da identidade das diferentes expressões da vida consagrada. O Concílio Vaticano II e depois Paulo VI apontaram o caminho da volta às fontes ⁽⁶⁾ e de fidelidade ao carisma dos fundadores ⁽⁷⁾. Que significa no caso do ministério presbiteral o retorno às fontes, quando nelas estão tanto um Jesus célibe como ministros casados durante séculos? Ademais, a forma de tal exercício nos inícios dista tanto da atual que apenas se percebe a continuidade. Jesus não se designa sacerdote, mas qualifica-se a si mesmo como Servo de Jahwe, “aquele cujo poder se afirma na fraqueza e nesse sentido realiza sua missão” ⁽⁸⁾. Fica a grave pergunta até onde o deslocamento para o “poder sagrado sacerdotal” distanciou a forma atual de um ministério entendido na base da comunidade e do serviço a ela no espírito da prática de Jesus. Permanece a questão ⁽⁹⁾.

⁵. Nesse contexto, ver o estudo bastante crítico: BENELLI, Sívio José: Pescadores de homens. Estudo psicossocial de um seminário católico. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

⁶. Concílio Vaticano II, Decreto *Perfectae caritatis* sobre a atualização da vida religiosa, n.2.

⁷. Paulo VI: Exortação Apostólica *Evangelica testificatio*, n. 11.

⁸. TABORDA, F., art.. cit., p. 15.

⁹. F. Taborda traça um quadro histórico de diferentes modelos do presbiterado, sua constituição, transmissão e evolução. Tal estudo nos alerta para o risco de restringi-lo a uma forma só. Se evoluiu ontem, pode evoluir hoje: TABORDA, F.: O religioso presbítero: uma questão disputada. Reflexão teológica a partir da tradição jesuíta, in *Perspectiva Teológica* 31 (1999), n. 85, 363-382. L. Boff levantara, na década de 70, a questão do poder de celebrar a ceia do Senhor, se exclusivamente por um ministro ordenado ou *ad casum* por leigo delegado pela comunidade. Quem “presidia às celebrações eucarísticas, segundo as fontes mais antigas, eram os “presidentes” (S. Justino, Apol. 1, 65: *proestós*), os “profetas” ou os “*episcopoi*” (Didaqué 13, 15) ou, conforme Tertuliano, os “*probati seniores*” (Apol. 39, 5). Não sabemos se eles recebiam ou não algum sacramento que os capacitasse para tanto”. BOFF, Leonardo: *Eclesiogênese: As comunidades eclesiais de base re-inventam a Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 73-81; de maneira mais explicitada: BOFF, Leonardo. O coordenador leigo e a celebração da ceia do Senhor. [S.l.]: [s.n.].





III. CONCEITO DE ESPIRITUALIDADE

Caminho tradicional

Reflexão semelhante vale para a espiritualidade. A etimologia já nos oferece as primeiras pistas. Espiritualidade vem de Espírito. Diferentes concepções de Espírito determinam-lhe a compreensão. Em vertente de tintura grega e estoica, espírito se contrapõe à matéria ou se mostra soberano a ela, controlando-a, dominando-a. E a espiritualidade conduz-nos, portanto, a afirmar a dimensão da alma em oposição ao mundo do corpo, da matéria. Estamos diante de espiritualismo platônico e estoico. Embora em constante recesso, ainda existem traços de tal espiritualidade em circulação.

A tradição semita, que impregna sobretudo o Antigo Testamento, onde a influência grega não existia ou apenas principiava, o reino do Espírito afetava o ser humano todo – corporeidade, sexualidade, sensibilidade, espiritualidade -, envolvendo-o pelo mundo divino. Fala-se então de espiritualidade unitária, criatural.

No Novo Testamento, continua em parte tal compreensão. Assim Paulo fala dos frutos da carne e do espírito, não no sentido corporal, material, mas aludindo à fonte de onde eles vêm: do Espírito divino ou do egoísmo humano. Ambos os frutos afetam o lado espiritual e corporal do ser humano.

A tradição cristã explicita ainda mais a pessoa do Espírito Santo. Ele atua na nossa relação com o Filho Jesus que nos conduz ao Pai. Está na origem da Igreja e na relação com ela. Ele também alimenta-nos na caridade fraterna. Essa espiritualidade cristã da inabituação até agora percorria os caminhos tradicionais.

Espiritualidade na pós-modernidade

Eis que a pós-modernidade chega com novas propostas espirituais em arco amplíssimo de ofertas. Numa primeira linha, situa-se a espiritualidade teocósmica. Matéria e espírito não se distinguem. Encontram fundamento científico na teoria quântica, no princípio de Einstein da convertibilidade de matéria em energia e vice-versa. Soma-se a influência monista oriental, de que a Nova Era se fez expressão em muitos pontos. Ela responde à sede de espiritualidade que a sociedade





consumista, materialista, violenta, competitiva, hedonista, destruidora da natureza tem provocado. Apresenta o lado oposto da sobriedade, do espiritual, do suave, da harmonia, de prazer diferente, do culto à natureza que vem da contemplação, da presença do sagrado, de cenários enlevantes. Sonha com “um novo mundo possível”, afinado, harmonioso, integrador, repousante, reconstituente, eco-amigo, super-religioso, sem conflitos. Reina o Uno em vez do múltiplo. Impera o lado melhor do ser humano: solidariedade, ausência de medos, liberdade, alegria, comunhão com o todo. Desconhece o pecado, a necessidade da conversão, porque acredita na bondade natural das pessoas. A corrente da Nova Era se alimenta de espiritualidades vindas de lá, tais como: Budismo, Hinduísmo, Sufismo e outras. Em nosso contexto latino-americano, as religiões indígenas e afro trazem suas contribuições.

Menciono simplesmente a nova tentativa de espiritualidade desenvolvida por André Comte-Sponville. Algo original e inesperado. Uma espiritualidade para ateus ⁽¹⁰⁾. Esse autor entende por espiritualidade a fidelidade diante de valores absolutos, incondicionados, elaborados, transmitidos na tradição e reinterpretados ao longo da história. Não precisa crer na existência de Deus para aceitá-los e ser fiel a eles. Apela-se à razão humana, à civilização ocidental, ao valor da comunhão na Sociedade. Ela não vive sem comunhão e fidelidade.

Não nos interessa aprofundar muito essas questões e sim perguntar pelo impacto que esse conjunto de espiritualidades provoca no presbítero de hoje. As ressonâncias se diversificam. Que tipos de espiritualidade se delineiam no horizonte do ministério ordenado? Sem poder aprofundar a questão, indico somente os títulos com alguma palavrinha.

Espiritualidade tradicional do presbítero piedoso, observante e fiel.

Ela se inspira nos santos, especialmente no Cura d’Ars. Implica clima sereno em que o presbítero vive tranquilamente o ministério presbiteral e as crises se superam pela oração, pela renúncia. Um texto exemplar de tal espiritualidade encontra-se na Liturgia das Horas na Memória de S. Carlos Borromeu. Aí aparece trecho do sermão pro-

¹⁰. COMTE-SPONVILLE, André.: O espírito do ateísmo: introdução a uma espiritualidade sem Deus. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.





ferido no último sínodo por ele ⁽¹¹⁾. Traça com clareza as linhas dessa espiritualidade.

Ela alimentou gerações e gerações de presbíteros até o dia de hoje. Perde certa credibilidade por causa da revolução cultural e religiosa que a modernidade e a pós-modernidade desencadearam. Os seus sinais externos não respondem à mentalidade atual. Os termos soam distantes, embora inteligíveis.

Espiritualidade específica

Outros presbíteros frequentam determinada espiritualidade específica conforme afinidade existencial ou por coincidências de moradia, encontros, estudos ocasionais. Uma leitura de fé vê aí a graça externa de Deus que propicia situações de santificação. A prática do Retiro anual, muitas vezes baseado nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio, tornou acessível a inúmeros presbíteros a espiritualidade inaciana. Há os que a cultivam com assiduidade, fazendo os Exercícios de oito dias e até de um mês. Tais práticas espirituais e outras – franciscana, carmelita, de Foucauld, etc. – marcam-lhes a espiritualidade de oração pessoal, de contemplação dos mistérios da vida de Jesus, de discernimento, de preocupação pelo seguimento de Jesus.

Espiritualidade encarnatória com acento no seguimento de Jesus histórico

Sem entrar em choque com nenhuma das anteriores, mas configurando-a de determinado modo e sob o influxo de teólogos da libertação e de outros, acentua-se a perspectiva encarnatória do seguimento. C. Palacio resume bem: “Porque, em Jesus Cristo, Deus e o homem se dão a nós não só unidos, mas interpretando-se mutuamente: o humano é a expressão de Deus e Deus é o fundamento e a consistência do humano” ⁽¹²⁾. O seguimento de Jesus traz, como consequência imediata, o compromisso com os pobres em perspectiva libertadora.

¹¹. Com certo tom irônico, observa: “Tal sacerdote desejaria possuir uma vida íntegra, que dele é exigida, ser continente e ter um comportamento angélico, como convém, mas não se resolve a empregar estes meios: jejuar, orar, fugir das más conversas e de nocivas e perigosas familiaridades”. Do Sermão proferido no último sínodo por São Carlos: *Acta Ecclesiae Mediolanensis*, Mediolani, 1599, 1777-1778, extraído de Liturgia das Horas, Petrópolis/São Paulo: Vozes, Paulinas, Paulus, Ave-Maria, 1999, vol. IV (Tempo Comum – 18ª – 34ª semana), p. 1436.

¹². PALACIO, Carlos: A Vida Religiosa pro-vocada. Reflexão teológica in *Convergência* 36 (2001), p. 21s.





Espiritualidade dos novos movimentos de leigos.

Em outra vertente, cresce no clero a espiritualidade ligada a movimentos leigos de espiritualidade e de apostolado. Fenômeno relativamente novo em que vários deles nasceram de iniciativas de leigos e primordialmente se organizam em torno deles, contando, porém, entre os membros presbíteros, religiosos de congregações tradicionais e até bispos. A maioria deles insiste na tecla carismática.

No entanto, tal espiritualidade mostra certo aspecto híbrido. Sem dúvida, assimilam-se a leveza, a alegria, a festividade, a liberdade, a espontaneidade, a tônica de oração próprias de tal tipo de espiritualidade. No entanto, ela tem-se adaptado e até reforçado o lado institucional do momento atual, seja por meio de práticas morais e religiosas com certa rigidez, seja por valorização das autoridades eclesásticas e do regime canônico. Em princípio, o carisma entra em tensão com a instituição, mas o movimento carismático, por enquanto, comporta-se bem, ao menos externamente, em relação ao regime canônico.

Espiritualidade do presbítero diocesano

Os presbíteros diocesanos têm sentido a necessidade de construir espiritualidade atualizada e própria. Alguns têm-se vinculado a modelos associativos como Associação dos Padres do Prado, *Communauté du Chemin-Neuf* e outros tipos de Associações sacerdotais, Novas comunidades, etc. Ai as espiritualidades assumem características diferenciadas.

O fato de as dioceses serem, em nosso contexto, grandes ora em número, ora em espaço geográfico, ora em ambos, dificulta pensar uma espiritualidade em termos de Igreja particular. No entanto, permanece para o bispo, para os vigários episcopais, os vigários forâneos o desafio de promover e alimentar uma espiritualidade presbiteral na dupla dimensão do ministério e da vida pessoal. Há inúmeras iniciativas pessoais de grupos de sacerdotes que se reúnem com frequência para rezar, estudar temas teológicos e pastorais, praticar a leitura orante da Escritura. Esta tem excepcional potencialidade espiritual. Cresce na Igreja o interesse por tal contacto com a Palavra de Deus. Vem muito a propósito a Exortação Apostólica *Verbum Domini* de Bento XVI a partir dos debates e sugestões do Sínodo de 2008. Nela se reforçam a *lectio divina*, a Palavra de Deus na ação litúrgica, o seu caráter performativo, uma semântica aberta e viva pela circularidade dos métodos histórico-





críticos e teológicos no estudo bíblico com insistência na dimensão teológico-espiritual como mensagem para a vida pessoal e comunitária. A Palavra de Deus é acontecer, encontro, evento de autocomunicação de Deus conosco, teologia narrativa, palavra proclamada, memória celebrada e vivida na prática da vida e na comunidade eclesial, guiada pelo Espírito do Senhor. Sem conhecer a Bíblia, não se conhece a Jesus Cristo. A Palavra de Deus tem dimensão de amor e de beleza ⁽¹³⁾.

Espiritualidade da Nova Era

No extremo da linha pós-moderna, está a fluidez da espiritualidade da Nova Era ou semelhante que apenas tangencia o clero. Há experiências espirituais ligadas a práticas religiosas orientais, ao uso da bioenergética para experiências espirituais.

¹³. Ver: Entrevista de J. Konings, publicada em Instituto Humanitas (Unisinos), 19 de dezembro de 2010: www.ihu.unisinos.br





IV. ANÁLISE CRÍTICA

Riscos de perda de identidade

Há pessoas, culturas, segmentos religiosos que se moldam facilmente à realidade com que se deparam. Faltam-lhes autoestima básica e autoconsciência dos próprios valores para resistirem na própria identidade ao impacto de fora. Acomodam-se sem mais. Assumem a estratégia da tolerância total ao adversário. No máximo, estabelecem certa negociação, ao aceitar parte do que vem de fora e ao rejeitar outra. Mas o fazem por meio de jogo bem político de buscar convivência pacífica, sem dar-se ao trabalho de diálogo crítico e positivo. No fundo, não se institui nenhum confronto dialético. Neste caso, o presbítero se acomodaria sem mais à cultura atual pós-moderna.

Tanto mais isso acontece, quanto mais a modernidade avançada desenvolve sofisticada técnica de inculcação pela via subliminar. As fontes principais de difusão globalizante da cultura atual situam-se nos grandes centros do poder econômico e cultural. Ela invade os nossos países, considerados subdesenvolvidos ou eufemisticamente emergentes, com seus valores, critérios de ação, configuração mental, imaginário social. Entra, não como um diferente em diálogo com a identidade dos países colonizados, mas como avalanche que arrasa os modos locais de pensar, viver, comportar-se.

A perda de identidade, no caso da cultura brasileira, tem afetado os diversos setores da vida. Começa-se pela linguagem. Quantidade gigantesca de anglicismos infiltra-se no vocabulário, na construção das frases, na maneira abreviada de escrever, especialmente pela via da *Internet*. Esta se transformou em fonte decisiva na estruturação linguística da geração jovem. O programa de busca *Google*, forjado e controlado sutilmente pela cultura hegemônica globalizada, alimenta enormemente o mundo de estudos nos diversos níveis. Vale falar de uma “cultura *Google*” que substitui o trabalho real de pesquisa.

Em relação ao exercício do ministério presbiteral, a influência impositiva de fora vem tanto do setor secular quanto do religioso. Em ambos os casos, o presbítero se acomoda a esse impacto, sem submetê-lo a alguma instância crítica. Sob o nome de obediência, de submissão renuncia, em parte, à identidade elaborada reflexa e conscientemente.





Em outro extremo, situa-se pequena minoria que reage, quase inutilmente, numa crispação da própria identidade pessoal ou cultural. Intenta-se resistir aos influxos de fora. Posicionam tais pessoas de maneira contracultural. Em casos exagerados, como em alguns países árabes, chega-se a arrancar antenas de tevê e a impedir o uso de programas da *Internet*. Esforço baldado. A cultura pós-moderna informatizada, virtual penetra arrasadoramente por todas as partes. Une o caráter devastador com a sutileza da ideologia envolvente de modo que as pessoas e as culturas locais apenas se dão conta da manipulação de fora. As identidades nacionais se desgastam continuamente em elementos fundamentais e preciosos.

E que acontece com a identidade presbiteral? Ela situa-se em condição delicada, porque sofre embates antagônicos de fora contra os quais tenta reagir. Opõe-se à cultura pós-moderna porque ela lhe dilui a concepção de serviço, de entrega comprometida. Esses presbíteros que assim reagem não aceitam a “cultura líquida” da pós-modernidade⁽¹⁴⁾. Guardam a seriedade sólida da vocação. Em relação às imposições eclesiásticas, a reação varia. Enquanto tais ministros as captam como injunções extrínsecas inassimiláveis pela própria identidade, rejeitam-nas em nome da fidelidade pessoal assumida. Em alguns casos, tocam as raias da “objeção de consciência” em face das determinações institucionais eclesiásticas.

Entre esses dois extremos, situa-se a posição crítica de abertura e de diálogo. Não capitula em face do diferente dominante em nível pessoal e cultural. Recorre à lúcida consciência judicativa que conjuga a reestruturação de valores, de imagens, de comportamentos em perspectiva nova sem abrir mão da originalidade e singularidade de si e de sua cultura. A identidade reestrutura-se processual e historicamente. E isso só acontece, se se mantém a dialética da conservação da própria identidade com as modificações pedidas pelo processo e pelas novas situações históricas.

A pós-modernidade dificulta essa relação por produzir nas pessoas e nas coletividades o medo da decisão. A modernidade salientara o sujeito conquistador, autônomo, senhor de si. Elaborou bela filosofia da decisão, insistindo no permanente devir do sujeito por meio de suas opções. Pensa-o como alguém em construção. Vinicius de Moraes versejou

¹⁴. BAUMAN, Z. : Medo líquido. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.





genialmente sobre o brotar de tal consciência em “Operário em construção”. A pós-modernidade situa-se no lado oposto. Anuncia o sujeito em desconstrução, a fragmentação, a perda de consistência. A identidade cinde-se, quebra-se em pedaços. Vai além de Freud que já assinalara as camadas do *id*, do *superego* no *ego* humano. Ao entregar-se facilmente às pulsões, aos desejos sem limite, segundo o impactante dito de Maio de 1968, “é proibido proibir”, não conhece um eu unitário, responsável. Perde a dimensão de história, de continuidade. Cada momento se torna só ele. Não há amanhã. Ora, identidade significa precisamente que as ações de hoje se fazem nós mesmos e as carregamos para o futuro. E daí o sentido profundo de responsabilidade. A pós-modernidade, ao fragmentar a identidade das pessoas e das coletividades, imuniza-as contra a consciência histórica e ética.

A identidade na modernidade constituira-se fonte de segurança, de estabilidade, de tranqüilidade. “Sei o que sou”. O auge de tal consciência levava, às vezes, até a loucura e arrogância. Haja vista o exemplo de Fichte. “Ela (a minha obra) deve ser levada a cabo. Mas não o será durante o tempo. Consequentemente a minha existência não pode ser determinada pelo tempo – eu sou eterno”. “Assumi minha decisão, que é mais firme que a minha própria vontade; ela é eterna e eu sou eterno como ela” (15).

A pós-modernidade situa-se na posição antípoda. Refuga todo vislumbre de eternidade, de infinito. Ou se quisermos, “infinito enquanto dura”, na célebre frase de Vinicius de Moraes. A consequência direta se faz sentir na insegurança, nas dúvidas, nas incertezas que pululam nos tempos pós-modernos.

A pós-modernidade questiona a identidade pelas reações opostas que ela gera. Altamente dissolvente pelo pluralismo de valores, de religião, de crenças e de horizontes culturais, termina por provocar a crispação de identidades, a restauração de projetos identitários ameaçados com consequente rejeição dos diferentes. A identidade sozinha, sem o polo de tensão vindo da alteridade, sofre enorme detrimento. Perde-se em si mesma e não entende o momento presente nem se faz entender nele. Isola-se. Temos os fanatismos perigosos, os fundamentalismos doentios, o dogmatismo intransigente, os coletivismos ideológicos. Todos

¹⁵. FICHTE J. G., cit. por GRESHAKE, G. – LOHFINK, G.: *Naherwartung – Aufstehung – Unsterblichkeit*, Freiburg: Herder, ³1978, p. 99.





eles ostentam identidade fechada ao diálogo. Estabelecem verdadeira estratégia de fortaleza. Defendem-se do diferente como do inimigo. Apela para o entricheiramento defensivo ou ofensivo. Trancam-se em si mesmo, mantendo a identidade isoladamente ou assumem papel agressivo de combater o diferente. Em ambos os casos, a identidade não enfrenta a pós-modernidade. Sofre-a ou agride-a.

Como o presentismo pós-moderno impacta a identidade presbiteral? Já vimos acima os dois extremos de acomodação sem crítica e de rejeição crispada. O ponto crucial para o ministério ordenado na Igreja latina afeta a dimensão de compromisso definitivo, que ele implica, ao uni-lo à promessa do celibato. O bispo no rito de ordenação de um diácono, depois da homilia, pergunta ao candidato ao diaconato: “Em sinal de teu coração consagrado ao Cristo Senhor, queres guardar para sempre o celibato por amor do Reino dos céus, a serviço de Deus e da humanidade ⁽¹⁶⁾? A promessa se faz “para sempre”.

Ora bem, a cultura de que os compromissos valem enquanto respondem à atual condição existencial, de um lado, e de outro, a exigência de uma promessa por toda a vida se chocam no interior das pessoas. E quanto mais a pós-modernidade impuser a cultura do transitório, do passageiro, do presentismo, tanto mais difícil se tornará a compreensão dessa exigência canônica do celibato. A crise se põe, não primeiramente em termos de abstinência sexual, mas de conflito entre a experiência relevante do presente e o compromisso para o futuro. Portanto, a questão não está em torno do celibato como tal, mas de assumi-lo “para sempre”. Voltaremos a essa questão em outro contexto.

Riscos que afetam a espiritualidade

A espiritualidade sofre íntimo dilaceramento. Se, em tempos tradicionais, ela simbiotizava com a cultura religiosa dominante, nos dias de hoje ela padece de forte tensão que a estira para extremos opostos. A secularização teve, na década de 60, pique significativo. Parece que perdeu o fôlego. Em parte, verdade. No entanto, ela prossegue caminho triunfante por meio de surtos científicos neoateus e de mídia dissolvente, além do materialismo, hedonismo e consumismo difusos. E tal embate enfraquece grandemente a espiritualidade.

¹⁶. Sagrada Congregação para o Culto Divino, Pontifical Romano, 228, São Paulo: Paulus, 2000, p. 170.





O salto espontâneo e imediato para o mundo da oração, o cultivo da presença de Deus, as horas silenciosas do contacto com Deus padecem decréscimo e detrimento. Sinais claros de secularização. O clero não se isenta de tal realidade.

Aparentemente, do lado oposto, emerge espiritualismo carismático com momentos prazerosos de encontros de oração, de celebrações longas e efusivas. Disse aparentemente, porque em tal surto se oculta algo da secularização no sentido de que se privilegia o gosto do sujeito, o consolo individual, a atmosfera religiosa como prazerosa. E nisso se distancia da clássica espiritualidade.

A perda do clima de espiritualidade e a inundação religiosa espiritual participam do mesmo fenómeno que ameaça a raiz última da espiritualidade: a presença de Deus no mistério de Jesus que pede conversão. Em ambas as tendências, Deus perde a consistência pessoal, porque ou desaparece como Transcendência ou se esfuma em clima circundante.

Como situar nessa conjuntura pós-moderna a identidade e a espiritualidade presbiteral à luz do tríplice ministério: profético, sacramental e pastoral?





V. PERSPECTIVAS PASTORAIS:

Reelaboração da identidade e da espiritualidade no confronto com a pós-modernidade atual.

1. Sob o prisma profético

Papel profético e a acomodação diante da exterioridade e superficialidade

A identidade presbiteral acomoda-se ao *status quo* pela via da superficialidade, exterioridade. Esta tem ganhado enorme importância. Deslocou-se do ser para o ter com a modernidade produtiva do capitalismo agressivo. Já aí afetou a identidade e a espiritualidade. Ambas radicam basicamente no ser. Agora se prefere o aparecer ao ser e ao ter. O desafio cresce. Cultiva-se na identidade a aparência, a forma visível, unida a uma espiritualidade também ela voltada para fora, para ser vista, para os olhos e menos para o coração.

O cultivo do corpo serve de sinal de tal deslocamento. Ironicamente escrevia Frei Betto. Antes, num bairro, havia livrarias e apenas algum clube de ginástica. Hoje pululam as academias e fecham-se as livrarias. A cultura de leitura cede espaço à do corpo.

Tal fenômeno da aparência traz o aspecto positivo de valorizar a estética, a beleza. Até então as classes burguesas se reservavam o culto da beleza e relegavam os pobres ao mundo da feiúra. A pós-modernidade avançou a tal ponto que hoje tal cultura da beleza se difundiu por todas as classes.

Cabe uma palavra profética nova, pouco trabalhada até então, de valorizar o culto da estética tanto em relação a si próprio quanto para exprimir a relação com Deus. Quando tal traço se associa à valorização do ser humano, condiz com o ministério presbiteral. Não há porque associá-lo ao feio, ao desprezível sem mais.

No entanto, tal traço da pós-modernidade carrega a ambiguidade que cabe ser denunciada pela mesma vocação profética do ministro ordenado. Não raro, as classes populares sacrificam até necessidades básicas, para gastar com o cultivo da bela aparência. Perdem-se valores fundamentais para nutrir uma exterioridade cara e explorada pela





mídia. Esta dita as regras da estética e torna as pessoas escravas de seu ditame. A imprensa não raro noticia mortes de jovens modelos por anorexia. Sacrificaram a vida em troca de manter as polegadas necessárias para frequentar o primeiro ranque das beldades. Jovens entregam-se a exageros atléticos ou a drogas químicas para manter a forma estandartizada pela mídia.

A palavra profética denuncia a ilusão de pôr a identidade na exterioridade e de cultivar uma espiritualidade voltada para fora. Isso está a afetar antes os seminaristas e o clero jovem. O diálogo profético carece de lucidez para captar as raízes de tal movimento. Antes de tudo, cabe valorizar a positividade, como se disse acima, de alguns aspectos. Contudo, não se pode esquecer uma palavra de transparência respeito à vaidade de tal movimento, no sentido etimológico do termo. Vaidade vem de *vanitas* do Latim, que, por sua vez, esconde a ideia de *vacuum*, vazio. Não se trata de julgar moralisticamente o desejo de exterioridade, mas de assinalar o que ele encerra de vacuidade, de vazio, de engodo. Pois, a longo prazo, gera frustração e sensação de a vida não ter sentido. Quando passam os anos da aparência, resta enorme frustração de não ter-se construído nada sólido.

Papel profético diante da tirania do prazer

J.-Cl. Guillebaud sinalizou-nos com lucidez e clareza o traço tirânico do prazer na pós-modernidade⁽¹⁷⁾. O pensador espanhol E. Guisan lançou verdadeiro manifesto em prol do prazer. “No mundo dos homens, o gozo é o alfa e omega, princípio e fim”⁽¹⁸⁾. Salta-nos aos olhos o império do prazer na sociedade pós-moderna. Unem-se prazer e descompromisso. Prazer momentâneo, presente, sem medir consequências e futuro. “É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã”, cantava Renato Russo. Essa leitura da realidade faz-nos esquecer a história, a ética, a utopia. A ideologia política perde a agressividade da transformação da realidade para concentrar-se no presente das pessoas. Em seu lugar, entra a ideologia do prazer e do presente, que afeta fortemente a identidade das pessoas.

Como exercer então a missão profética? De novo, discernindo os aspectos positivos e negativos de tal surto de prazer nos dias de hoje, sobretudo no interior da Igreja.

¹⁷. GUILLEBAUD, J.-Cl.: A tirania do prazer. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

¹⁸. GUISAN, E.: Manifiesto hedonista, Madrid: Anthropos, 1990, p. 140.





Há justa reação contra a compreensão humana dolorista, asceta que sofria de certo maniqueísmo. Remetiam-se a matéria, o prazer, os sentidos ao mundo inferior. Necessitavam ser reprimidos. Textos bíblicos, tirados do contexto cultural, e assumidos na literalidade, favoreciam tal leitura. Some-se longa tradição de repressão ao corpo e ao prazer no seio do Cristianismo, desde a espiritualidade dos eremitas, passando por muitas práticas da vida religiosa até as pregações das missões populares. Postergava-se para a eternidade a felicidade, o prazer e fazia-se da renúncia moeda de câmbio celeste. Propunham-se aos seminaristas e ao clero exemplos de mortificação contínua, de sacrifícios, que aboliam o prazer da vida.

A pós-modernidade, nas pegadas nietzschianas, refuga tal tendência e estatui o oposto. Prazer aqui e agora. Parte-se da experiência comezinha de que os sentidos foram feitos para o prazer. Ninguém se põe a cheirar ácido sulfídrico, ou a saborear comida estragada, ou a acariciar um cactus, ou a deleitar-se com ruídos estridentes, ou a ver cenas horripilantes. O prazer está no centro dos sentidos. Nisso somos como os animais.

Esse dado vem à tona com enorme evidência. Negar o prazer implica negar a condição humana. E a sua valorização não suporta tal atitude básica. A profecia parte da afirmação da positividade do prazer que entra no plano criador de Deus. Tanto a identidade como a espiritualidade que desconhecem essa dimensão humana fadam-nos a frustração. Eis o lado positivo do discurso profético.

Dispomos, porém, da dimensão de espírito aberto à verdade, ao bem, ao sentido, à beleza e ao amor. Essas duas faces existem na unidade, na identidade de cada um de nós. Cabe-nos mantê-las ambas vivas e sadias, em harmônica articulação.

A construção da identidade na pós-modernidade implica, portanto, que cultivemos o prazer dos sentidos em consonância com o Sentido maior da verdade, do bem, da beleza, do amor. Não raro batem conflitos. Não nos soa nada prazeroso passar horas penosas num hospital ao lado de um enfermo. Mas o sentido do amor supera o incômodo e lá nos conduz até com toques de heroísmo. A identidade formada sob a tirania do prazer termina por tornar-se desumana. E, pelo contrário, quando o prazer sensitivo se articula com os sentidos maiores da existência, ele aumenta, cresce e nos faz felizes.





Uma espiritualidade a que faltasse totalmente a capacidade do sacrifício de prazeres imediatos em vista de bens maiores falaria na raiz. A vida exige momentos de renúncia. Estes não se improvisam. Sem cultivo de um ministério presbiteral com entrega de si no despojamento, na capacidade de sacrifício, dificilmente o presbítero resiste à onda hedonista moderna e realiza bem a vocação profética.

Papel profético diante da alienação social e política

A modernidade gerou com o capitalismo industrial corte extremamente injusto na sociedade. As classes se construíram em torno da exploração da mão de obra. Mesmo que se evite o termo de luta de classes, percebia-se visivelmente verdadeiro conflito entre as forças sociais. E a injustiça social se tornava clara e palpável. Sem entrar na polêmica sobre a validade da Análise Marxista, certamente ela teve a argúcia de mostrar esse aspecto perverso do capitalismo. A própria Doutrina Social da Igreja salientou-o. Paulo VI, de maneira contundente, refere-se na *Populorum progressio* (19) ao capitalismo como fonte de tantos sofrimentos, injustiças e lutas fratricidas com efeitos ainda duráveis. O termo “luta fratricida” soa ainda mais forte que conflito ou luta de classe.

A pós-modernidade, depois da queda do socialismo real, secundou onda ainda pior de injustiça social sob a forma do neoliberalismo. Além dos documentos romanos, temos na América Latina três cartas magnas do episcopado, elaboradas em Medellín, Puebla e Aparecida onde soa a voz profética da Igreja. E nos anos mais difíceis da repressão, a Igreja do Brasil primou por marcar presença crítica. Basta recordar a

19. “Infelizmente, sobre estas novas condições da sociedade, construiu-se um sistema que considerava o lucro como motor essencial do progresso econômico, a concorrência como lei suprema da economia, a propriedade privada dos bens de produção como direito absoluto, sem limite nem obrigações sociais correspondentes. Este liberalismo sem freio conduziu à ditadura denunciada com razão por Pio XI, como geradora do “imperialismo internacional do dinheiro”. “Nunca será demasiado reprovar tais abusos, lembrando mais uma vez, solenemente, que a economia está ao serviço do homem. Mas, se é verdade que um certo capitalismo foi a fonte de tantos sofrimentos, injustiças e lutas fratricidas com efeitos ainda duráveis, é contudo sem motivo que se atribuem à industrialização males que são devidos ao nefasto sistema que a acompanhava. Pelo contrário, é necessário reconhecer com toda a justiça o contributo insubstituível da organização do trabalho e do progresso industrial na obra do desenvolvimento”. Carta encíclica *Populorum progressio* de sua santidade o papa Paulo VI Sobre o desenvolvimento dos povos, n. 26s, in www.vatican.va





série de textos publicados naquelas décadas sobre a conjuntura brasileira e sobre as exigências éticas para autêntica democracia ⁽²⁰⁾.

Nesse contexto social de injustiça, opressão e marginalização dos pobres, a identidade e a espiritualidade do ministro ordenado se expressa na dimensão profética pela opção pelos pobres. Ponto irrenunciável. Basta recordar o discurso de Bento XVI em Aparecida, ao afirmar que “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com a sua pobreza” ⁽²¹⁾.

Fora da perspectiva da opção pelos pobres não se constrói nenhuma identidade e espiritualidade do presbítero no contexto latinoamericano. E na atual situação da cultura pós-moderna a pobreza adquire, além da carência dos bens materiais de subsistência, nova configuração em relação ao saber globalizado. Fora dele reinam a marginalização e a falta de perspectiva futura. O grito profético soa na linha da cultura, da educação de qualidade para as classes populares, do acesso amplo a todos os níveis da escolaridade.

Em nível de igreja local, cabe aos bispos orientar os fieis no referente à vida cristã. Vale, guardada a proporção, o mesmo para o ministro ordenado. O verbo orientar esconde bela metáfora: mostrar o Oriente. E surge então a pergunta: para que Oriente direcionar as pessoas? Sem dúvida, para o seguimento de Jesus. E que implica tal seguimento? E quando preferimos o termo Jesus ao de Cristo, salientamos-lhe o aspecto palestinese, a vida histórica. E aí encontramos mais uma vez a opção pelos pobres, já que Ele se fez pobre, com os pobres, preferentemente conviveu com eles e lhes anunciou o Reino de Deus. Qualquer caminho que desconheça a opção pelos pobres, não conduz ao Oriente, mas desorienta.

Corremos o risco de interpretar a dimensão profética preferentemente na tônica moralista, como vimos na disputa eleitoral de 2010, e não no sentido realmente crítico-social. Haja vista a discussão em torno da vida, que se resumiu ao aborto, esquecendo sobretudo as condições

²⁰. Ver à guisa de exemplos os Documentos da CNBB, tais como: n. 8: Comunicação pastoral ao povo de Deus, 10. Exigências cristãs de uma ordem política, 17. Igreja e problemas da terra, 22. Reflexão cristã sobre a conjuntura política e inúmeros outros.

²¹. Discurso inaugural do PAPA BENTO XVI, in Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, Brasília/São Paulo, CNBB/Paulus/Paulinas/Loyola, 2007, p.255.





sociais, culturais que impossibilitam não só a vida começar como ser levada dignamente. A questão da vida remete, antes de tudo, à questão social e econômica e não primariamente à moral católica. Aqui há enorme campo para a profecia do presbítero.

Papel profético diante da situação ecológica

A ecologia ocupa lugar de destaque no campo da profecia. Impõem-se evidências. O tipo de desenvolvimento e crescimento econômico ameaça a sustentabilidade do Planeta. A lógica perversa de aumentar indefinidamente a produção gera cada vez mais consumo. Do consumo segue o desperdício. A Terra de recursos ilimitados é devorada pelos desejos insaciáveis de bens materiais por parte do ser humano. Hoje a Terra já não consegue refazer o desgaste a que está submetida. Acrescentem-se outros danos: desmatamento e destruição ambiental das biodiversidades, poluição do ar, contaminação das águas e dos solos, envenenamento indireto dos alimentos, aquecimento global, derretimento das geleiras e calotas polares, superpovoamento selvagem e descontrolado das cidades, gigantes migrações internas e externas, violência defensiva e agressiva. A triste ladainha prossegue. Tal temática já não pode escapar da prática profética do ministro ⁽²²⁾.

Papel profético no diálogo fé e cultura

O presbítero vive, como bom cristão, da fé. E a fé, por sua vez, se expressa dentro da cultura em que se está. Daí a importância do diálogo entre ambas. Isso exige do presbítero fazer-se atento aos reclamos culturais da situação. A profecia não se alimenta de uma palavra solta, irresponsável e abrupta. Supõe estudo da realidade, meditação e oração sobre ela, para então denunciar as injustiças e anunciar as utopias. Aí se joga realmente a profecia. Não se detém nos impropérios e muito menos moralizantes. Mas à luz das promessas de Deus, repensadas de maneira utópica, anuncia a esperança e de dentro do anúncio brota a denúncia de tudo o que impede sua realização.

Nesse campo, a teologia da libertação desde os inícios trouxe enorme contribuição. A figura do teólogo Juan Luis Segundo assume,

²². Veja nesse campo a ampla publicação de L. BOFF. Cito a modo de exemplo, duas obras, de certa maneira inaugurais, dessa temática: BOFF, L.: *Ecologia: Grito da terra, Grito dos pobres*, São Paulo: Atica, 1995; BOFF, L.: *Ecologia, mundialização, espiritualidade. A emergência de um novo paradigma*, São Paulo: Atica, 1993 e mais recentemente: BOFF, L.: *Cuidar da Terra e proteger a vida. Como evitar o fim do mundo*. Rio: Record, 2010.





aqui, grandeza ímpar. Em face da cultura secular da sociedade uruguaia, afronta com coragem a problemática profética de anunciar um evangelho atualizado e crítico. Publica um conjunto de textos para a formação dos leigos⁽²³⁾. Em relação ao cristianismo latinoamericano, publicou duas obras até hoje de atualidade⁽²⁴⁾. Acrescentem-se as outras obras de peso sobre Jesus Cristo⁽²⁵⁾, a compreensão do dogma⁽²⁶⁾.

No fundo, está em jogo o papel de lucidez crítica diante das tensões que dilaceram a cultura atual⁽²⁷⁾. O risco consiste em facilmente escorregar para os extremos em vez de perceber a ambiguidade da realidade, negando-lhe os limites, afirmando a positividade e avançando para novos patamares. O senso profético consiste precisamente nessa capacidade tríplice e não simplesmente parar nas condenações fáceis, sem propostas de saída.

Papel profético em face do fenômeno religioso

Há um discurso profético a respeito do fenômeno religioso e carismático. Ele implica perceber a distinção entre fé, religiosidade e religião⁽²⁸⁾. A profecia nutre-se da fé e entra em tensão tanto com a religião como com a religiosidade. Profetas do Antigo Testamento e o próprio Jesus viveram conflitos nessa área. Na expulsão dos vendilhões do templo a temperatura conflituosa chegou ao grau máximo, tornando-se uma das causas derradeiras da condenação de Jesus.

Ao presbítero, como profeta, em clima de explosão de práticas religiosas e de surtos carismáticos, toca a não fácil missão de submeter tal fenômeno ao juízo da fé cristã. Essa se decide pelo seguimento do Jesus histórico na linha da opção pelos pobres. Algumas expressões

²³. SEGUNDO, J. L.: Teologia aberta para o leigo adulto. São cinco volumes, todos traduzidos pelas Ed. Loyola: São Paulo.

²⁴. SEGUNDO, J. L. – SANCHIS, P.: As etapas pré-cristãs da descoberta de Deus. Uma chave para a análise do cristianismo (latino-americano), Petrópolis: Vozes, 1968; J. L. Segundo, Ação Pastoral latino-americana: Seus motivos ocultos, São Paulo: Loyola, 1979.

²⁵. SEGUNDO, J. L.: O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré: fé e ideologia. Vol. 1. São Paulo: Paulinas, 1985, vol. 1; vol 2/PT 1: O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré: história e atualidade, sinóticos e Paulo. São Paulo: Paulinas, 1985; vol 2/PT 2: O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré: história e atualidade, as cristologias na espiritualidade. São Paulo: Paulinas, 1985.

²⁶. SEGUNDO, J. L.: O dogma que liberta: fé, revelação e magistério dogmático. São Paulo: Paulinas, 1991

²⁷. Tratei longamente desse tema em: Em busca de lucidez. O fiel da balança. São Paulo: Loyola, 2008.

²⁸. Remeto o leitor a um capítulo de meu livro: A Religião no início do milênio, São Paulo: Loyola, 2002, p. 87-110.





religiosas ou o poder autoritativo da religião e de seus corifeus conflitam com a limpidez da fé cristã. O ministério profético denuncia tal incompatibilidade e anuncia outras práticas coerentes com as exigências cristãs. Mais que recorrer às expressões dogmáticas da fé como juízo crítico, a profecia apoia-se nas práticas de justiça, de solidariedade, de opção pelos pobres a exemplo dos profetas e de Jesus. Assim as formas religiosas que alienam o fiel de tal compromisso não passam no exame do múnus profético.

A Igreja do Brasil teve, em décadas anteriores, bispos e presbíteros que viveram, de maneira exemplar, tal ministério e sofreram reprimendas sob o regime militar e incompreensões por parte de instâncias eclesiais que não conseguiram entender-lhes o veio crítico. À guisa de exemplo, cito Mons. Oscar Romero que chegou ao extremo de dar a vida ⁽²⁹⁾. Permanece como modelo insigne de tal exercício corajoso e evangélico.

Papel profético em face da globalização

Capítulo vastíssimo para considerações. Lança raízes na consciência tipicamente ocidental de universalidade por sua origem grega – razão universal -, judaico-cristã – salvação a todos os povos – e romana – direito que se impõe em todas as partes. Essa globalização sempre existiu no Ocidente. Basta ver a epopeia das grandes navegações e conquistas. Hoje interferem dois fatores novos e decisivos para gerar nova forma: a força gigantesca do capitalismo neoliberal e os meios tecnológicos de comunicação. Dela falaremos como desafio para o papel profético do ministro ordenado.

A globalização apresenta duas faces. Permite enorme alcance evangelizador, já que criou recursos de comunicação de longo alcance. Favorece fazer-nos presentes a tantas e tantas situações de sofrimento e catástrofes das pessoas por meio de gestos de solidariedade. A mensagem criada expande-se por todo o mundo. O papa João Paulo II soube aproveitar muito desses recursos para sua missão evangelizadora pelo mundo.

Os limites lhe vêm da força avassalante que tem para impor valores, critérios, modelos e comportamentos de vida, que centros de

²⁹. Recentemente saiu belíssima biografia sobre Mons. Oscar Romero, na qual se salienta a sua coragem profética: CARRIER, Yves: Mgr Oscar A. Romero. Histoire d'un peuple. Destinée d'un homme. Paris: Du Cerf, 2010.





poder geram e difundem. Impõe-nos enorme capacidade crítica para não deixar-nos levar por essa massificação cultural, em pontos fundamentais, distantes do evangelho. Além disso, ela cria falsa unidade e totalidade. Trata-se antes de difusão ampla de pedaços de notícias, de imagens, de apelos, de provocações não raro perversas que atingem sobretudo pela *Internet* o mundo todo. Os jovens se tornam a principal vítima de tal assédio cultural. O papel profético se faz necessário para ajudá-los a situarem-se em face dessa nova forma de cultura.

2. Sob o prisma da santificação

O múnus de santificação assume hoje conotações bem diferentes. Merece reflexão detida. Na compreensão tradicional, a santificação se entendia em relação estrita com a administração dos sacramentos e das práticas religiosas. O presbítero era reduzido a sua dimensão sacerdotal. Tal permanece verdade até hoje. Sacramento e exercícios espirituais continuam principal fonte de santificação e o presbítero exerce o ministério conferindo os sacramentos e incrementando os atos religiosos no seu entorno.

Desafio diante do atual fenômeno religioso

A pós-modernidade trouxe enorme novidade no campo religioso que lhe afeta tanto a identidade como a espiritualidade no exercício do ministério da santificação. Seu alcance amplia-se a toda a cultura e religiosidade atual.

Até décadas anteriores, os brasileiros, em imensa maioria, se confessavam católicos. A Igreja católica, diferentemente de outras religiões e mesmo de denominações cristãs pentecostais e neopentecostais, marca claramente a identidade religiosa. Apela para São Paulo. “Há um só corpo e um só Espírito, como também é uma só a esperança à qual fostes chamados. Há um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, acima de todos, no meio de todos e em todos” (Ef 4, 4-5). Durante o Concílio Vaticano II tornou-se proverbial o lema do cardeal Ottaviani: *sempre idem* – sempre o mesmo. Cita-se também como critério da fé católica, o axioma teológico de S. Vicente de Lérins (séc. V) de que “devemos nos ater ao que sempre foi crido por todos e em toda a parte”. O peso dos três centros de poder na Igreja católica





– Roma, diocese e paróquia – reforça a ideia de unidade até o risco da uniformidade, entendida como constitutiva da identidade católica.

O momento religioso atual caracteriza-se pelo oposto. Em reação à avalanche secularizante desprendida da geleira da racionalidade moderna, interpôs-se, no mundo ocidental, forte religiosidade. Vem sendo estudada sob diversos ângulos. Aqui a consideramos sob o aspecto do impacto que ela causa sobre a identidade e espiritualidade do presbítero.

Não erramos ao dizer que a última camada profunda, que nos sustenta a identidade de modo sólido, situa-se na experiência religiosa. Tudo o que afeta diretamente o campo religioso repercute grandemente na identidade das pessoas. A fé nos ensina que Deus nos criou e nos marcou com o ato criativo. Deus criador, uno e trino, configurou-nos, em última instância, como ser uno, idêntico, mas aberto à relação com os outros. Tudo o que rompe a identidade ou impede as relações acaba por afetar-nos no mais fundo. Santo Agostinho expressou, nas Confissões, de modo genial, a experiência da presença de Deus em nosso cerne último. “Meu Deus, a Vós o confesso, a Vós que de mim Vos compadeceste quando ainda Vos não conhecia, quando Vos buscava não segundo a compreensão da inteligência, mas segundo o raciocínio da carne. Vós, porém, éreis mais íntimo que o meu próprio íntimo e mais sublime que o ápice do meu ser” (30).

A percussão que a explosão religiosa produz sobre a identidade se faz mais forte quanto mais as duas realidades se mostram consistentes. A identidade religiosa tradicional do presbítero, fundida na forja tridentina, possuía rígida consistência. Contra ela bateu-se o vagalhão religioso pós-moderno. Que aconteceu? A religiosidade ameaça descolar-se da instituição religião. A Igreja institucional perde força de controle imperativo sobre a doutrina e sobre a prática. Seleciona-se a doutrina a partir da experiência existencial. Se os ensinamentos respondem a ela, eles são aceitos. Se não, prescinde-se deles. Escolhem-se os elementos da fé e da prática moral que agradam, consolam, falam existencialmente. O poder autoritativo da Igreja minguou. A identidade religiosa católica já não se constroi a partir dos ensinamentos oficiais, mas da vivência.

Mais. A identidade religiosa tem-se construído com elementos de outras tradições religiosas em verdadeiro sincretismo sem muito

³⁰. SANTO AGOSTINHO, Confissões, III, 11.





problema. Convivem no momento tanto uma reação de reconstruir uma identidade católica pura, sem mistura, de caráter dogmático e moral quanto essa identidade religiosa fluida, sincrética, feita de elementos díspares de origens diversas. E então que acontece com a identidade cristã presbiteral?

A fé cristã pede identidade firme que passa por tríplice processo. No primeiro momento, a atenção se volta à Palavra de Deus, à pessoa de Jesus, a sua práxis, a seus ensinamentos. Em seguida, esse encontro pede conversão para nova vida, marcando a identidade religiosa. E, finalmente, impõe-se o compromisso com o Reino de Deus. Isso significa que o agir se conforma com a lei do amor a Deus e ao irmão. E tal identidade se alimenta na comunidade daqueles que vivem tal experiência de conversão e seguimento.

Desafio da identidade religiosa pós-moderna

A identidade religiosa pós-moderna, pelo contrário, alimenta-se da emoção, de momentos intensos e passageiros, de uma busca de porta em porta de experiências sempre novas nas boutiques espirituais. As pessoas se entregam a verdadeiro nomadismo religioso. Reina o provisório. Desde que uma prática religiosa já não satisfaz, ela é descartada com toda facilidade. Não se receia misturar formas religiosas de tradições as mais diversas e até irreconciliáveis num ecletismo e sincretismo sem questionamentos.

Vive-se no interior de nebulosa religiosa. Institui-se o primado da experiência sobre as prescrições da Instituição. Interiorizam-se e subjetivizam-se as expressões religiosas escolhidas conforme o próprio gosto. Há um dobrar-se sobre si mesmo, sobre o próprio eu. O termo mística soa redondo. Envolve vivências leves, gostosas, suaves. Bem distante da austera mística dos clássicos, como João da Cruz ou Santa Tereza.

Portanto, o mundo religioso tornou-se para a identidade cristã enorme desafio. Talvez maior que o próprio ateísmo. Este serviu, em algum momento, até mesmo para purificá-la de material espúrio. A pós-modernidade religiosa, por seu lado, ameaça diluí-la e afogá-la no dilúvio de expressões religiosas sem consistência.

Impacto sobre a experiência presbiteral

Na experiência presbiteral, o fenômeno religioso impacta atualmente a identidade e a espiritualidade mais pelas expressões carismá-





ticas, oriundas dos novos movimentos. Existem influências também da galáxia de sabor gnóstico.

Como manter nesse contexto religioso identidade e espiritualidade consistentes para cumprir a ministério de santificação? Ele só se exerce fora, se o próprio ministro se tiver imbuído da própria vocação à santidade. O Concílio Vaticano II trabalhou tal temática na *Lumen gentium* em relação a todo cristão. Vale com mais razão do presbítero.

Não se trata de uma espiritualidade intimista, carismática, festiva, como se tem visto com frequência, mas da que corresponde à situação de nosso continente. Nesse sentido, ela se articula com a missão profética de anunciar a opção pela libertação dos pobres. A unidade identitária da pessoa não permite que a profecia e a espiritualidade caminhem por vias diferentes.

Alguns teólogos elaboraram uma espiritualidade da libertação⁽³¹⁾. J. M. Vigil resume-a em sete constantes. Trata-se de verdadeiro “viver com espírito” em profundidade pessoal, mística. Centra-se no Reino de Deus como Jesus pregou. Vai ao essencial e ao universal da fé cristã. Pretende viver o mistério da Encarnação na realidade, na história, no continente latinoamericano, nos pobres, na política. Assume dimensão crítica. Atribui primazia à práxis em relação a aspectos especulativos ou abstratos. Finalmente, evita dicotomias, vivendo a integralidade do natural e sobrenatural, do material e do espiritual, da história profana e da sagrada, deste mundo e do outro, do tempo e da eternidade, da história e da escatologia, do indivíduo e da sociedade, da pessoa e da comunidade, do interior e do exterior, do privado e do público, do religioso e do político, superando a falsa alternativa da conversão pessoal e da transformação estrutural. No fundo, trata-se de síntese integrada que Jesus viveu e nos revelou: pelo Deus do Reino e pelo Reino de Deus⁽³²⁾. Em resumo, estamos diante de espiritualidade profundamente encarnada que vem responder criticamente a cenário religioso fluido.

Centralidade dos sacramentos e especialmente da Eucaristia

A centralidade dos sacramentos, especialmente o da Eucaristia, configura a identidade e espiritualidade do ministro ordenado. Aqui também os tempos atuais nos levam a reformular a posição tradicional,

³¹. CASALDÁLIGA, P. – VIGIL, J. M.: *Espiritualidade da libertação*, Petrópolis: Vozes, 1993.

³². CASALDÁLIGA, P. – VIGIL, J. M.: *op. cit.*, p. 228-232.





sem perder-lhe a seiva vital. Entra em questão a compreensão sacramental da existência mais do que simplesmente a dispensação dos sacramentos. L. Boff trabalhou belamente tal realidade ⁽³³⁾. O segredo da sacramentalidade consiste em perceber que as coisas ultrapassam elas mesmas e despertam em nós significados outros. Eles surgem de relações que estabelecemos com elas. Recordam vivências, evocam experiências passadas, apontam para desejos, suscitam esperanças.

A espiritualidade sacramental cria no presbítero sensibilidade para o lado simbólico da existência. Permite-lhe maior profundidade na relação com Deus para ver com facilidade a sua presença nas realidades humanas, quer revelando-lhe algo de seu mistério, quer interpelando-o para vivê-lo.

A Eucaristia oferece ao presbítero a maneira de integrar a identidade e a espiritualidade. Santo Tomás entende esse ministério a partir da celebração da Eucaristia. Ela lhe dá o sentido último. Nela se realiza o grande projeto de Jesus de maneira sacramental. O Senhor se nos dá, para que nos demos aos outros. Assim as duas epicleses se relacionam. A primeira nos anuncia a presença do Corpo sacramental de Cristo entregue por nós. A segunda pede ao Pai o Espírito Santo para que a comunidade que vai comungar do Corpo do Filho se transforme num só corpo e num só espírito ⁽³⁴⁾.

A espiritualidade sacramental significa, por conseguinte, viver essas duas epicleses. Ao consagrar o corpo do Senhor, o ministro reconhece a presença de quem doou a vida à comunidade e a ele, para que perpetue tal mistério, entregando a própria vida aos irmãos e irmãs na força do Espírito. Em cada gesto da existência de dom, atualiza-se esse mistério celebrado. A união da comunidade não se faz pela força da autoridade, mas pelo liame interno da entrega de cada um ao irmão e irmã. O ministro ordenado manifesta a vocação ministerial toda vez que atualiza a Eucaristia, celebrando-a e testemunhando-a com o exemplo de doação de si. Daí lhe vêm a identidade e a espiritualidade.

A Eucaristia celebrada unicamente na comunidade católica, com católicos, para católicos não realiza ainda o projeto de Jesus. “Que eles

³³. BOFF, L.: *Minima Sacramentalia*: os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos. Ensaio de teologia narrativa. Petrópolis: Vozes, 1975.

³⁴. Ver neste sentido o excelente livro: GIRAUDDO, C. : Redescobrir a eucaristia. São Paulo: Loyola, 2002.





sejam um, como nós somos um” (Jo 17, 11), assim rezou Jesus. No sermão do pão vivo, ele enfatiza: “E o pão que eu darei é a minha carne, entregue pela vida do mundo” (Jo 6, 51). Para que tal sonho sem limite de Jesus se realize, há vários passos a serem dados.

O primeiro diz respeito a nós cristãos. Estamos divididos. Celebramos a eucaristia em altares separados. Tal fato clama ao céu, pedindo a todos esforço sem preconceitos, sem amarras históricas, sem legalismos e juridicismos artificiais para que os cristãos das diversas confissões celebrem a eucaristia juntos. No Brasil, a situação do ecumenismo tem-se deteriorado muito por causa de fanatismos e intransigências de diversas confissões, sobretudo pentecostais e neopentecostais e, de nossa parte, por causa do peso dos séculos de separação, reforçado por certa teologia e algumas normas canônicas restritivas, sobretudo no campo da intercomunhão. Há muito que caminhar nessa direção no repensar da identidade e espiritualidade ministerial, tanto em nível teológico como prático.

Desafio mais ousado nos vem das outras tradições religiosas não cristãs. Existem as do Oriente, as afro ameríndias, e outras novas formas a surgir em abundância na onda religiosa pós-moderna. Tal situação pede-nos abertura maior ainda. O diálogo interreligioso faz parte da espiritualidade presbiteral e do seu múnus sacramental. Ainda se pensa e se faz pouco nesse campo. Está aí, porém, a demandar-nos tomada de posição.

Existem experiências solitárias por parte de presbíteros que se aproximaram do universo religioso negro e indígena e buscaram construir uma espiritualidade e uma autocompreensão ministerial em íntima conexão com tais tradições religiosas. Outros tentam dialogar com formas espirituais orientais. As tentativas do jesuíta indiano Anthony Mello de traduzir para horizontes cristãos práticas espirituais de origem indiana encontrou no Brasil certa repercussão, manifestada na tradução de vários livros do autor, não, porém, sem restrições eclesiásticas⁽³⁵⁾.

Ecologia e espiritualidade

No múnus profético, defrontamo-nos com a problemática da ecologia sob a perspectiva da denúncia da fúria destrutiva atual e do

³⁵. Como exemplos, MELLO, A. de: *Sadhana: um caminho para Deus*. São Paulo: Paulinas, 1980; A. de Mello: *As fontes da vida: exercícios práticos de oração*. São Paulo: Loyola, 1985 .





anúncio de um novo mundo de respeito e cuidado. Ela tem provocado também tentativas de integrar as suas demandas na espiritualidade e na própria maneira de pensar o múnus sacramental. A natureza oferece abundantes aspectos simbólicos e permite desenvolver a sacramentalidade em sentido amplo.

Serve de ponte para unir os dois ministérios da palavra e do sacramento. A vivência sacramental da ecologia legitima e dá força à palavra. Não se denuncia ou se anuncia algo de fora, mas que decorre da vida interior do ministro.

Ao construir a espiritualidade ecológica, dois extremos nos rondam: transformar a ecologia em mística panteísta, esquecendo o caráter profundamente pessoal do Deus Triuno e omitir totalmente tal dimensão. Desde a tradição franciscana até a jesuíta com a Contemplação para alcançar amor existem elementos substanciais para uma espiritualidade ecológica, sem precisar recuar a um paganismo camuflado em formas panteístas.

3. Sob o aspecto pastoral

Individualismo desafia o ministério presbiteral

A pós-modernidade, em continuidade nesse ponto com a modernidade, caracteriza-se fundamentalmente pelo individualismo. Vejamos a natureza de tal individualismo e como a missão pastoral do presbítero responde a ele tanto no nível da identidade quanto da espiritualidade.

O individualismo tornou-se a ideologia da modernidade, na expressão de L. Dumont ⁽³⁶⁾. A pós-modernidade exacerbou-o e deu-lhe novas configurações. Antes o indivíduo unificava a realidade. Agora ele prefere a contradição, o dissenso, a divergência, a indiferença em face dos outros, a ambiguidade, os pequenos prazeres e sua realização neles. Exige-se então uma identidade mais consistente para resistir a tantos paradoxos ou aceita-se demitir-se de fazer valer a própria identidade.

O individualismo pós-moderno entrou pelas novas sendas do virtual. Que tipo de identidade se constitui e se elabora quando se substitui

³⁶. DUMONT, L.: O individualismo. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna, Rio: Rocco, 1985.





o confronto pessoal pelo virtual? O outro com a presença física impacta-nos e dificulta a mentira da relação. A verdade do face a face acaba por parecer. Nisso a identidade se enriquece com todo contacto real.

Diferentemente acontece com os encontros virtuais. Não raro os dois sujeitos de relação, se não se usa a *webcam*, forjam-se identidade fictícia até no físico. Nunca se tem certeza da pessoa com quem se dialoga. Pode-se levar longe um relacionamento de mentiras, forjando experiências, sensações que não se dão. E o engano envolve os dois lados. Identidades provisórias, artificiais, mentirosas. Storch e Cozac nos contam como um adolescente se deu uma identidade de adulto e entrou nas intimidades de mulheres maduras (37). As possibilidades de engodo no mundo virtual não têm limites. E elas afetam diretamente a vivência da própria identidade. Criam-se e fecham-se relações arbitrariamente. Basta um *del* para que longo papo afetivo e sexual se finalize. Que significa isso em termos de identidade (38)?

A invasão do mundo virtual atinge a identidade presbiteral. As consequências importantes acontecem no nível das relações e na percepção das coordenadas de tempo e espaço. O ministro ordenado entendia-se na cultura tradicional como alguém disponível. Henri Perroy, em texto de meditação, chama o presbítero como “um homem devorado” pelo ministério. A entrada da comunicação virtual modificou fortemente a disponibilidade de tempo dos presbíteros. Cada vez mais a *Internet* com a pluralidade de recursos e invenções absorve o tempo das pessoas. A tevê já começara tal drama. Hoje aumentou a força sedutora com a infinidade de canais. Ademais, vieram os *sites*, *blogs*, *twitters*, *MSN*, *Facebook* e congêneres, programas de busca e tantos outros recursos eletrônicos para encher o tempo das pessoas. O presbítero não escapa de tal sedução. As relações virtuais substituem, em alta escala, as reais. O face a face físico dá lugar aos signos, escritos no internetês.

Há, sem dúvida, a face positiva de tal movimento. Abre-se campo apostólico novo por essa via. Não significa, sem mais, investimento do tempo em futilidades ou curiosidades. Cabem relações virtuais sérias

37. STORCH, L. W. –COZAC, J. R.: *Relações virtuais: o lado humano da comunicação eletrônica*. Petrópolis: Vozes, 1995.

38. “Entrevistado a respeito da crescente popularidade do namoro pela internet, em detrimento dos bares para solteiros e das seções especializadas dos jornais e revistas, um jovem de 28 anos apontou uma vantagem decisiva da relação eletrônica: “Sempre se pode apertar a tecla de deletar”. BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p. 13.





em que mensagens se transmitem, orientações se oferecem, cursos de teologia e religião à distância se proporcionam, informações preciosas se veiculam.

Há o caso excepcional de uma diocese virtual: Partenia⁽³⁹⁾, criada por Mgr Jacques Gaillot, antigo bispo de Évreux na França. Atualmente reduzido a simples bispo emérito por decisão de João Paulo II por causa de suas posições política, social e teologicamente muito avançadas, ele tomou a iniciativa de exercer o ministério episcopal de outra maneira, a saber, pela via virtual, ao criar um *website*. Por esse meio, ele se comunica com os adeptos de sua igreja no mundo inteiro em várias línguas, inclusive em português.

Ser presbítero em face do pluralismo cultural

O estonteante pluralismo cultural bate de frente com a identidade. Questiona-a radicalmente. As grandes narrativas, que vinham de longas tradições, desfazem-se sob o impacto de uma razão céptica, decepcionada e desconfiada. Ultimamente tínhamos vivido narrativas poderosas, como as do nazismo, do fascismo e do comunismo, que conduziram a guerras, a destruições e ao sacrifício de milhões de vidas. Como então acreditar e confiar nas grandes narrativas? E a narrativa cristã, mesmo a belíssima elaborada por Teilhard de Chardin, não se verifica, nem mesmo nas igrejas cristãs.

Entretanto, a identidade se alimenta da tradição, das narrativas. Se elas se perdem, ela padece de anemia por falta de alimento. Os sintomas logo aparecem. Agarra-se facilmente a qualquer proposta cultural. Isso explica, em parte, a invasão de culturas orientais no Ocidente. O pensador inglês Campbell já está a prever que nas próximas décadas a cultura ocidental se orientalizará, sobretudo na passagem de uma compreensão dual da realidade para um crescente monismo⁽⁴⁰⁾.

Essa mudança, se realmente se operar, significa algo profundo e fundamental. A cultura ocidental se pensou a partir de dualidade: sujeito e objeto, espírito e matéria, Deus e ser humano, esta vida e vida além da morte, pessoa e natureza, etc. Predominam a análise, a diferenciação, o aspecto objetivo, a razão instrumental, o legal, o poder, a ordem, etc. Nossas identidades sofrem influência de tal concepção. A orientalização

³⁹. www.partenia.org

⁴⁰. CAMPBELL, Colin: A orientalização do Ocidente: Reflexões sobre uma nova teodiceia para um novo milênio, in *Religião e Sociedade*, 18/1, 1997, p. 5-29.





nos conduziria ao polo da unidade, da síntese, da indiferenciação, do místico, do englobante, da totalidade, da integração, do subjetivo, do imaginativo.

A própria física quântica tem-se avizinhado de tal vertente. Basta a proposta de F. Capra de estudar a relação entre a física moderna e o *Tao* para revelar tal proximidade ⁽⁴¹⁾. A pós-modernidade caminha nessa direção. E nossas identidades, entendidas no horizonte ocidental, se chocam com tal vertente cultural. Assim as distâncias entre o lado material e espiritual, terrestre e além-morte, subjetivo e objetivo se encurtam até desaparecer em unidade fusional. Então, a identidade ocidental somente se conservará, se tomar consciência crítica de tal processo. Apesar de seus limites, ela forjou durante milênios uma consciência de unidade radical, profunda e inegociável.

Tensão entre vocação e profissão

No múnus pastoral, cresce na vida do presbítero a tensão entre vocação e profissão. A etimologia dá-nos primeira aproximação. Vocação esconde na raiz a palavra latina *vox-vocis*, em português voz. Por que clama tal voz? No nível psicológico, por realização. No plano teológico, ela se identifica com a ação do Espírito que nos move para a entrega de nós mesmos aos outros. Na dupla dimensão, vocação não se mede por realidades de fora. Algo que brota de dentro. Não se prende a normas ou regras de tempo e espaço. Empenha a vida na totalidade, mesmo que nos sintamos divididos.

A profissão, por sua vez, transita em outro departamento. A etimologia nos fala de *pro+fateor*, confessar, mostrar diante. Que coisa e diante de quem? Exibimos um ofício, um trabalho, uma capacitação diante da sociedade pela qual somos reconhecidos. O olhar de fora faz-se fundamental. As sociedades criam instituições para regulamentarem, reconhecerem as profissões e não as vocações. Estas submetem-se ao tribunal da interioridade, da consciência e no máximo de alguma instituição que revalida, mas não confere tal movimento interior. Nasce, no caso da vocação presbiteral, do jogo misterioso da graça divina e da disposição da natureza psíquica.

⁴¹. CAPRA, F.: O *Tao* da física: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental. São Paulo: Cultrix, 1983.





Refletindo diretamente sobre a vocação presbiteral, percebemos crescente deslocamento para o aspecto profissional, mesmo que não se diga. O fato de lentamente ir-se introduzindo no caso de bispos, párocos e outras funções ministeriais a ideia de renúncia, de jubilação, de aposentadoria, de tornar-se “emérito” revela subliminarmente que se trata antes de uma profissão que de vocação da parte da instituição que confere tal status. No entanto, muitas dessas pessoas, como que reagindo à redução da vocação ao aspecto profissional, continuam em plena atividade, em outros moldes, quase a revelar que a vocação não cessa enquanto a pessoa for hábil física e psiquicamente.

À medida, porém, que as pessoas se sentirem realmente isentas de qualquer atividade relacionada com a anterior e terminarem as funções religiosas, torna-se mais claro o caráter profissional. E nada impede que se dediquem a outras funções bem alheias a tal ministério. O fato de o ministro ordenado pensar-se mais como profissão que como vocação não diminui em nada, como tal, a seriedade e empenho com que ele exerce o ministério até o momento em que se dedica a outra profissão. Simplesmente manifesta que, no fundo, o ministério presbiteral lhe soava mais como profissão que como vocação.

Nesse momento, põe-se sob outra perspectiva a questão da vinculação do celibato com o ministério presbiteral. Celibato implica consagração de vida, portanto, vocação. Dele não se aposenta, nem se torna emérito. Como vinculá-lo então ao ministério presbiteral, percebido antes como profissão? Cabe aprofundar tal questão pouco refletida teologicamente. O celibato aproxima-se bem mais da vida religiosa. Esta manifesta, por excelência, o grau de vocação. Só cessa com a morte, enquanto vida religiosa na sua dinâmica interna.

Na atual cultura da competência, da competitividade, da eficiência, da produtividade, do resultado aparece ainda mais claro o corte entre vocação e profissão. Esta pede cada vez mais capacidade de realização. Daí a multiplicação de exigências profissionais e acadêmicas: graduação, mestrado, doutorado, pós-doutorado, cursos de especialização, de pós-graduação, cursos técnicos, etc.

A vocação de si não pede tal maratona. Aprimora-se a vivência da vocação à medida que ela se articula com aspectos profissionais, mas o lado realmente vocacional se nutre de outro alimento: espiritual, psi-





cológico, humano. Mesmo quando as competências falham, a vocação permanece, enquanto a profissão naufraga.

Coloca-se séria questão para o ministério presbiteral nas suas funções de pároco e outras: encontra-se em jogo realmente a vocação e a conseqüente e inteligível vinculação com a dedicação de toda vida pela via do celibato, ou se se desloca cada vez mais o acento para o lado profissionalizante e o celibato aparece como apêndice artificial, imposto institucionalmente?

Se o ministério presbiteral é vocação, como vivê-lo até o extremo da vida, sem nunca abandoná-lo? Isso envolve postura existencial e teológico bem própria. A realização humana e a vida da graça se associam interna e definitivamente a tal ministério. Mesmo reduzido nas forças e nas possibilidades físicas, o ministro permanece na intencionalidade e disposição interna permanente sacerdote. Nesse contexto, tem sentido a frase tão repetida: *sacerdos in aeternum*.

Se é antes profissão, então entram em questão deslocamentos e mudanças na suas obrigações internas. Exercem-se as funções com o máximo de zelo, de competência, de dedicação, mas sem a dimensão de definitividade e de entrega afetiva da vocação. Tem sentido distinguir cada vez mais as horas dedicadas ao ministério de outros momentos tanto relativo ao tempo e ao espaço. Por assim dizer, dito de maneira algo rude, assume-se o ministério de tal hora a tal hora e em tais lugares. Fora desses horários e lugares, a pessoa leva outro tipo de vida. A cidade moderna impõe cada vez mais semelhantes cortes.

Talvez ilumine a reflexão, se tomarmos a mudança que está a acontecer no mundo da medicina. Médicos tradicionais, mesmo sendo excelentes profissionais, mostravam realmente possuir uma vocação, por assim dizer, 24 horas e em todos os momentos. Permaneciam abertos e atentos aos pacientes. Compare-os com um plantonista de hoje. A determinada hora, ele passa para outro médico o cuidado dos enfermos. Vai embora e o outro carrega com toda a responsabilidade. Há casos mistos, de médicos que não suportam corte tão radical e se mantêm pela via do celular acessíveis a eventuais chamadas. Mas tal situação tende a diminuir.

No caso da medicina se resolve mais facilmente, porque a profissão não exige do médico nenhuma decisão de vida por ela. Pode inter-





romper a qualquer momento e tornar-se outro profissional. Mas se ele realmente tem a vocação, não dá para fechar o ciclo. Vocação implica envolvimento de vida, afetivo, existencial. E na perspectiva teológica, há um compromisso de graça com Deus, ao assumir a vocação.

Pastoral da comunhão

Poucas teclas se batem tanto como a da comunhão. Darci Ribeiro alertou-nos para o risco ideológico do óbvio ⁽⁴²⁾. Ninguém duvida que o ministro ordenado cumpra a função de criador de comunhão. O papa se entende tal em nível de Igreja universal, o bispo de Igreja local e o presbítero em nível do rincão em que trabalha.

Não cabe dúvida de que Jesus insistiu muito nela. Criava com os discípulos e com as pessoas que encontrava relacionamento interpessoal aberto e íntimo, capaz de produzir amigos genuínos e de superar as raízes da solidão. Lutou para manter entre os discípulos a comunhão, ao ajudá-los a aprender a suportar as diferenças, sem inveja. Quando os irmãos, filhos de Zebedeu, pleiteavam o posto de sentar ao lado do Mestre (Mc 10, 35), imediatamente invadiu o coração dos discípulos a inveja e indignação (Mc 10, 41). Jesus reage, dando-lhes uma das mais sublimes lições sobre o poder. “Sabeis que os que são considerados chefes das nações as dominam, e os seus grandes fazem sentir seu poder. Entre vós não deve ser assim. Quem quiser ser o maior entre vós seja aquele que vos serve, e quem quiser ser o primeiro entre vós seja o escravo de todos. Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate por muitos” (Mc 10, 42-45).

A comunhão se constroi no serviço e não pela imposição da autoridade. E o serviço significa expressão de amor. De novo, o Mestre nos ensina: “Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15, 13). Amor significa sentir falta do outro, alegrar-se com sua presença e ser capaz de perdoar e pedir perdão.

A comunhão não se faz em força de uma autoridade, seja ela qual for. Ela se constroi com todos os envolvidos. No ministério da comunhão presbiteral, entre os presbíteros e com os fieis, ninguém se faz centro. Mas todos criam laços entre si, permitindo que se sonhe, se se sinta bem, que se superem as dificuldades, que se programe e se projete o

⁴². RIBEIRO, Darci: Sobre o óbvio, in Encontros com a Civilização Brasileira 1 (1978,1), p. 9-22.





futuro, que se vençam as angústias e solidão, que se busque alcançar objetivos, numa palavra, que todos se amem em unísono.

O fundamento último da comunhão remonta à Trindade. “No princípio está a comunhão dos Três e não a solidão do Um” (L. Boff). No horizonte de toda pastoral da comunhão, como origem e fim, estão as Três pessoas da Trindade, distintas, que não se confundem, mas que pela infinita comunhão entre si são uma só natureza, um só Deus. Em qualquer momento de crise, em que não suportamos a diferença ou rompemos a união, a Trindade permanece a luz divina que nos ilumina em profundidade o mistério da vida. João Paulo II recorda-nos tal verdade: “É no interior do mistério da Igreja como comunhão trinitária em tensão missionária, que se revela a identidade cristã de cada um e, portanto, a específica identidade do sacerdote e do seu ministério” (43).

CONCLUSÃO

A valorização da identidade, que remonta à tríplice origem do pensamento ocidental no *logos* grego, na palavra semita e no direito romano, manteve-se firme até os primeiros embates da modernidade. Esta, ao valorizar a liberdade, a autonomia do sujeito em oposição ao império da verdade objetiva, do poder da instituição, da injunção das autoridades em nome de tradições sagradas, ao criar uma consciência histórica, ao pregar a relevância da práxis transformadora da realidade, iniciou um processo de quebra da clássica concepção de identidade ocidental. Ainda manteve muito de um sujeito conquistador, transformador da realidade, criador de utopias. A pós-modernidade avançou no processo de esfacelamento e fragmentação da identidade.

A espiritualidade sofre impacto idêntico. Da clareza tradicional, passou pela modernidade subjetiva até a estonteantemente pluralidade pós-moderna.

No momento, portanto, encontramos num trevo em que três caminhos se cruzam. Reafirma-se, de maneira fundamentalista, ortodoxa até as raias do fanatismo, uma rígida identidade e um retorno a uma espiritualidade compacta em atitude contracultural. O caminho oposto desemboca em outra paragem. A identidade e a espiritualidade se fazem e refazem com rapidez. A preocupação não se concentra no

⁴³. JOÃO PAULO II: Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Pastores dabo vobis*, n. 12.





compromisso nem na permanência das relações estáveis, mas no prazeroso de sua vivência. E a partir desse critério básico se organizam os outros elementos pessoais, sociais e religiosos.

Há uma terceira via. Evita os dois extremos. Aposta em relações estáveis para estruturar a identidade e a espiritualidade. No entanto, não se prende a nenhuma rigidez. Aceita que o lado duro da identidade e das tradições espirituais se modifique, se aperfeiçoe ou mesmo se defraude nos riscos da vida. Isso acontece no confronto entre a consciência aberta da própria identidade e da espiritualidade em face da diferença de outras identidades e espiritualidades. Entende-se que de ambas as partes podem brotar riquezas.

Em termos cristãos, a fé na Trindade oferece luzes para entender que na unidade de uma natureza três pessoas subsistem. As diferenças das pessoas trinitárias não rompem a unidade substancial. Modelo perfeito de que somos longínqua sombra. Em nós a Trindade deixou sua marca e ela fala alto até que consigamos na escatologia final entender como sem perder nossa identidade “Deus será tudo em todos”.

1. Que elementos fundamentais constituem a identidade e a espiritualidade do presbítero na comunidade eclesial atual?

2. Como articulo na minha vida pessoal as exigências ministeriais de competência e eficiência numa sociedade do provisório, e a minha vida pessoal de entrega definitiva a Deus e aos irmãos?

3. Que ações concretas assumir para que o ministério e a vida dos presbíteros respondam aos desafios vindos da sociedade e de movimentos internos recidivos na Igreja?





